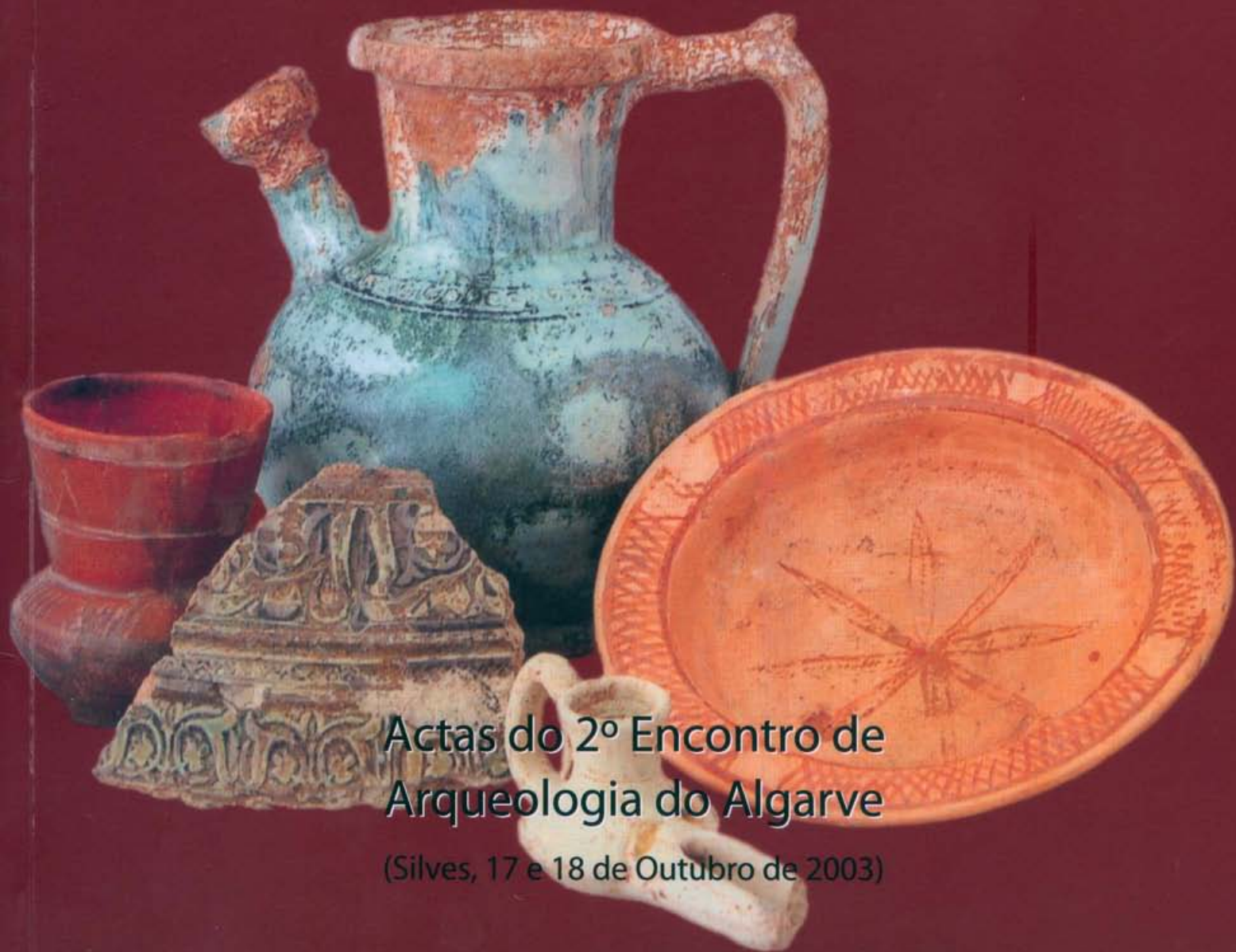


# XELB 5



Actas do 2º Encontro de  
Arqueologia do Algarve

(Silves, 17 e 18 de Outubro de 2003)



.II

A *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim).  
Resultados preliminares das escavações  
arqueológicas efectuadas

João Luís Cardoso\*  
Alexandra Gradim\*\*

2005

## Resumo

Este artigo dá a conhecer, de forma preliminar, os resultados da exploração arqueológica da *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim), realizada em Agosto e Setembro de 2002, sob a orientação do primeiro signatário. Caracteriza-se a arquitectura do monumento, mencionando-se o espólio exumado, tanto o arqueológico como o antropológico, cuja análise pormenorizada será deixada para trabalho mais desenvolvido. Por último, estabelecem-se comparações com outros monumentos congéneres do sul do País, referindo-se, em particular, aqueles que evidenciam reutilizações da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro, como a que foi verificada no monumento em apreço.

## Abstract

This study shows in a preliminary form the results of the excavations on the *tholos* of Cerro do Malhanito (Alcoutim) performed in August and September 2002, under the supervision of the first author. We characterize the architecture of the monument and the archaeological and anthropological findings, whose detailed analysis will be done in a later work. Comparisons are made with similar monuments from southern Portugal, namely those that show reutilization in the Bronze or Iron Age, as was the studied monument.

\* Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras.

\*\*Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim.

## 1. Introdução

A *tholos* do Cerro do Malhanito, perto do lugar do Monte da Estrada, da Freguesia de Martinlongo, concelho de Alcoutim, foi identificada por um de nós (A. G.), no decurso do acompanhamento de acções de repovoamento florestal, constando do respectivo Relatório apresentado ao Instituto Português de Arqueologia com o número de inventário A-225 (GRADIM, 1999). Possui as seguintes coordenadas: 37° 23' 21" lat. N; 7° 51' 49" long. W.

Do ponto de vista geomorfológico, o monumento implanta-se no topo de cabeço, bem individualizado na paisagem, isolado na encosta esquerda da ribeira da Foupana, por dois profundos meandros nela existentes. A sua localização parece, com efeito, sugerir que o objectivo era o de fechar o colo existente na parte mais estrangulada definida pelos dois referidos meandros da ribeira, dominando-os, do topo da sua encosta esquerda (Fig. 1).

Aquando da sua identificação, o monumento evidenciava violação recente, de que resultou a fractura e arranque da parte superior de alguns esteios da câmara, cujo topo, aflorando no terreno, formavam arco de círculo, correspondente ao traçado da câmara funerária. Deste modo, e porque um estradão tinha sido recentemente construído, correspondente ao alargamento de antigo caminho rural, passando perto do monumento, considerou-se a necessidade de proceder a uma escavação de emergência, admitindo-se, fundadamente, que a sepultura se encontrava em perigo iminente de destruição total ou parcial.

Para o efeito, foi solicitada pelo primeiro signatário a necessária autorização ao Instituto Português de Arqueologia concedida a 3 de Julho de 2002 (Ofício nº. 6000), ao abrigo da qual se executaram os trabalhos a seguir descritos. Deixar-se-á para outro trabalho de maior extensão, a análise detalhada do espólio recolhido e seu significado cronológico-cultural.

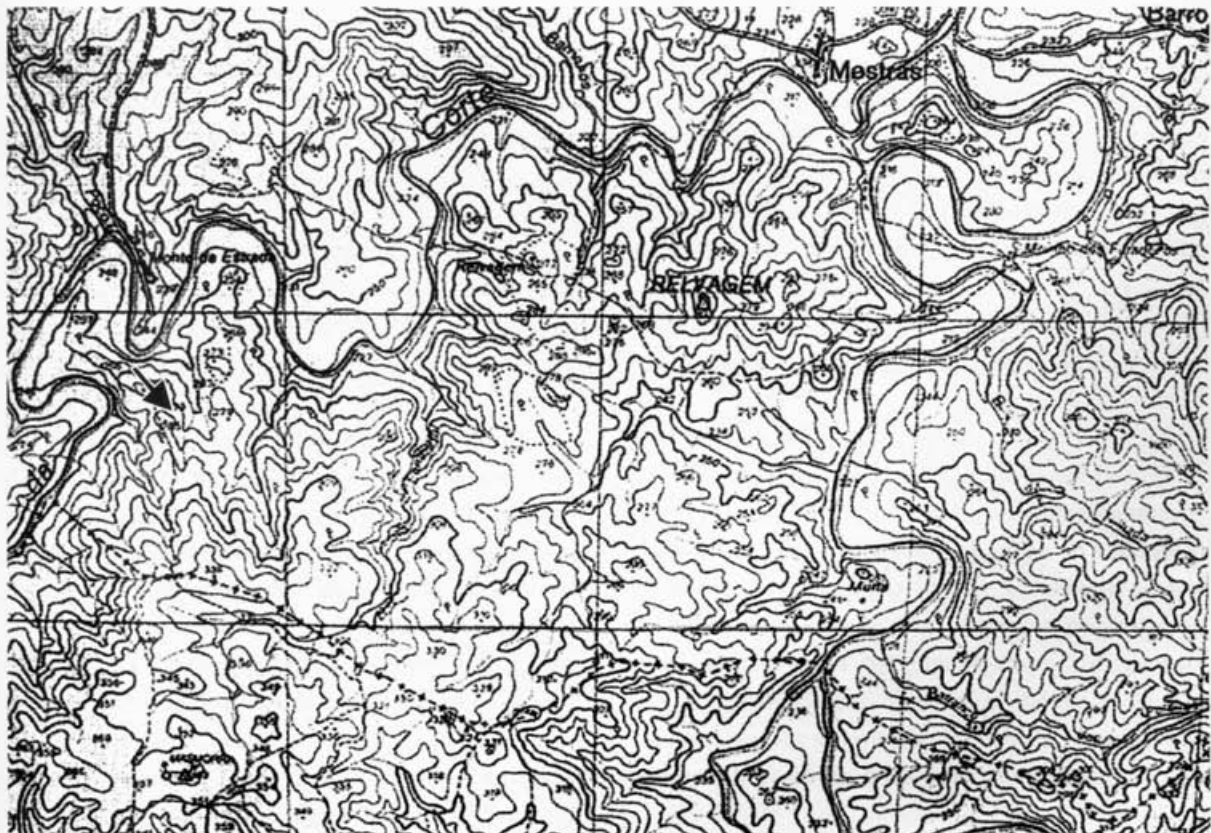


Fig. 1 – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Planta de localização na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25 000, folha nº. 581 (Cachopo – Tavira), 2ª Edição, Lisboa, 1978.

## 2 – Trabalhos realizados

Os trabalhos de campo decorreram de 19 de Agosto a 31 de Agosto de 2002, sob orientação do signatário. Neles participaram, além de jovens voluntários de Alcoutim, os seguintes elementos, do princípio ao fim dos trabalhos, além dos dois signatários:

- Fernando Estêvão Dias, Técnico de Arqueologia da Câmara Municipal de Alcoutim;
- Frederico Tátá Regala, aluno da Universidade Aberta e técnico do IPPAR;
- Esmeralda Helena Gomes, aluna da Universidade Aberta e técnica do IPPAR;
- Filipe dos Santos Martins, aluno da Universidade Autónoma de Lisboa.

Exceptuando os apoios logísticos concedidos pela Câmara Municipal de Alcoutim, ao ceder o primeiro dos citados participantes e o seu transporte, os trabalhos de campo decorreram sem outros quaisquer tipos de apoios, logísticos ou financeiros.

No final da escavação, o monumento posto a descoberto – o qual, em profundidade, se afigurou em muito bom estado de conservação – foi devidamente preservado, tendo a área envolvente sido topografada, pelo GAT de Tavira, à escala de 1/200. O espólio exumado dará, logo que restaurado e publicado, entrada no Núcleo Arqueológico da Câmara Municipal de Alcoutim, à semelhança do verificado com outros espólios recuperados em outras escavações dirigidas pelo primeiro dos signatários no concelho de Alcoutim.

O monumento, antes de se iniciar a escavação, encontrava-se apenas evidenciado, como atrás se referiu, pelos topos de alguns dos esteios da câmara; do corredor, nada se vislumbrava. No conjunto, avultava a acumulação de blocos de grauvaque, que dissimulavam, conjuntamente com a vegetação arbustiva existente, a estrutura tumular; a referida acumulação encontra-se na origem do topónimo (“Malhanito”, sinónimo de pequena acumulação de pedras, resultantes da “despedrega” de campos agrícolas).

Os trabalhos iniciaram-se pela limpeza do terreno e pela delimitação da área a escavar, enquadrando o monumento num rectângulo de 4 metros por 6 metros, cujos lados maiores foram orientados de NW-SE, de modo a abarcar a câmara e o corredor, que se presumia possuir aquela orientação, por ser corrente nos monumentos deste tipo, pressuposto que a escavação veio a confirmar.

A área assim definida foi sendo escavada por camadas artificiais de 10 cm (Fig. 2), até se ter totalmente à vista o contorno do monumento, tanto da câmara como do corredor, definidos pelos topos dos respectivos ortóstatos (Fig. 3). Nesta primeira fase dos trabalhos, constatou-se a existência de numerosos blocos de grauvaque colmatando quase na íntegra o interior da câmara. Tais elementos continuaram a encontrar-se em profundidade, apresentando-se caoticamente dispostos, por vezes engrenados uns nos outros, sugerindo uma colmatação intencional da câmara e não o seu preenchimento devido ao colapso da cobertura em falsa cúpula, o qual, em tal alternativa, não deixaria de evidenciar alguns elementos imbricados, como é frequente observar-se em blocos resultantes de tombamentos provocados pela gravidade (Fig. 4). Dada a possibilidade de o corredor se prolongar para além do limite da escavação, foi esta prolongada desse lado de 2 metros, para SE, atingindo a área explorada, no final dos trabalhos, 28 metros quadrados.

O prosseguimento em profundidade da escavação, na área assim definida, permitiu por a descoberto o substrato geológico, o qual se apresentava totalmente regularizado no interior da câmara do monumento (Fig. 5).

Tal como se pode verificar na planta do monumento executada no final dos trabalhos de campo (Fig. 6), este foi executado em duas bancadas litologicamente distintas: do lado esquerdo do monumento, desenvolve-se afloramento xistoso, finamente folheado, contactando segundo uma linha sub-paralela ao eixo da *tholos* com uma bancada de grauvaques grosseiramente estratificados, ocupando a quase totalidade do corredor e mais de metade da câmara do sepulcro; trata-se de xistos e grauvaques do Carbonífero superior, de fácies “flysch”, que ocupam boa parte do Baixo Alentejo e a quase totalidade da “serra” algarvia.



**Fig. 2** – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista parcial dos trabalhos da escavação da câmara do monumento.



**Fig. 3** – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista geral do monumento depois da limpeza superficial do terreno.



**Fig. 4** – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista geral do monumento obtida de Oeste. Note-se a abundância de blocos, colmatando de forma caótica o interior da câmara sepulcral.



**Fig. 5** – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Vista geral, de Sudoeste, no final da escavação. Observe-se a regularização do substrato geológico no interior da câmara do monumento.

A câmara sepulcral, ocupando a parte mais elevada do topo da elevação, foi integralmente escavada nesta unidade geológica, não parecendo que a assinalada heterogeneidade na sua composição geológica, tenha influenciado ou, muito menos, determinado a selecção da sua implantação no terreno. A altura do monumento atenua-se no corredor, até à entrada, marcada por pequeno átrio mal conservado. Nestes termos, é possível que o *tumulus* do monumento, a ter existido, fosse de fraca expressão, destinando-se, essencialmente, a proteger a cobertura da câmara, em falsa cúpula, bem como a do corredor, muito mais baixa. Trata-se, pois, de um monumento ortostático quase integralmente escavado no substrato geológico.

O enchimento do corredor, em contrapartida, pela sua menor altura, era limitado; contudo, a existência de alguns elementos dispostos transversalmente, sugerem uma cobertura por meio de travessas, constituídas por elementos alongados de grauvaque, que se apoiariam transversalmente de um e outro lado das paredes do cor-

redor. Esta técnica, aliás, é comum na cobertura tanto dos corredores das antas como das *tholoi* portuguesas. O chão do corredor apresentava-se em parte revestido de lajes, conforme se assinala na planta (Fig. 6).

No final dos trabalhos, o monumento apresentava-se integralmente escavado, antecedendo as acções de protecção, adiante descritas, com as quais se encerraram os trabalhos de campo.

### 3 – Resultados obtidos

#### 3.1 – Elementos arquitectónicos e técnicas construtivas

A *tholos* do Cerro do Malhanito, encontrava-se, ao contrário do que fariam supor os recentes danos sofridos, que partiram a parte superior de alguns dos esteios da câmara, muito bem conservada em profundidade, constituindo um dos monumentos mais expressivos, no seu género, do sul de Portugal. Nele foi possível identificar os seguintes elementos, do ponto de vista arquitectónico (Fig. 6):

- um átrio, mal conservado, situado na periferia da mamoa desaparecida, apenas sugerido pela dispersão dos respectivos elementos, da ambos os lados do corredor e no seu prolongamento imediato; a existência deste átrio é sugerida pela disposição arqueada e imbricada, com vergência para o eixo da entrada, de alguns blocos dispostos paralelamente;
- um corredor curto, orientado aproximadamente para SE, bem definido por dois ortóstatos principais de cada um dos seus lados, de planta sub-rectangular, com cerca de 1,4 m de comprimento e 0,80 m de largura, com o chão parcialmente lajeado;
- uma estrutura de selagem, perfeitamente definida, na passagem do corredor para a câmara, constituída por duas ombreiras, justapostas à parte média de dois esteios laterais do corredor, e, deste, modo, mais moderna do que estes, suportando, do lado interno, diversas lajes colocadas transversalmente (Figs. 5 e 7);
- pela sua geometria, este elemento arquitectónico foi adicionado ao monumento aquando da última utiliza-

ção funerária pré-histórica da câmara que, para voltar a ser acedida, obrigava à sua desmontagem;

- uma câmara de planta sub-circular, definida originalmente por dezassete esteios de grauvaque, dos quais apenas um se encontrou deslocado da sua posição primitiva. A altura média destes ortóstatos, estreitos e regulares, perfeitamente ajustados entre si, não ultrapassa 1 metro, existindo, porém, alguns, especialmente do lado oriental da câmara, onde os topos se apresentam menos danificados, que atingem 1,30 metros, devendo ser, originalmente este, o comprimento aproximado de todos eles (Figs. 6 e 7). Apesar do substrato geológico ter sido profundamente escavado em todo o espaço interior da câmara do monumento, e de o chão primitivo daquela corresponder à regularização daquele, como atrás se referiu, cada um dos ortóstatos foi nele firmemente fixado através da abertura de um roço, bem visível nalguns casos. O objectivo de cada um destes elementos não era, o de conferir maior resistência ou estabilidade à estrutura, visto esta se encontrar escavada na rocha viva – contra a qual aqueles se encostam – funcionando, simplesmente, como revestimento interno, regularizando a superfície da rocha viva. O único ortóstato que, em profundidade, se encontrou já deslocado da sua posição primitiva, situava-se entre o nº. 1 e o nº. 2 (Fig. 6). Trata-se de monólito de formato idêntico aos restantes, que resvalou, por pressão externa, para o interior da câmara, por deslocação da sua extremidade inferior. Deste modo, é lícito concluir que tal situação ocorreu numa fase antiga, quando a câmara do monumento ainda se não encontrava colmatada, situação que teria impedido tal deslocação.

No conjunto, a *tholos* do Cerro do Malhanito apresenta-se de planta ligeiramente assimétrica, com o corredor desviado do eixo axial ideal do monumento, conforme se pode verificar na Fig. 6. Os ortóstatos, que pouco ultrapassariam a antiga topografia correspondente ao afloramento do substrato no terreno, não desempenhavam, por conseguinte, nenhum papel estrutural no suporte da falsa cúpula; esta, é indicada pela abundância de elementos de grauvaque que a constituíam, preenchendo o interior

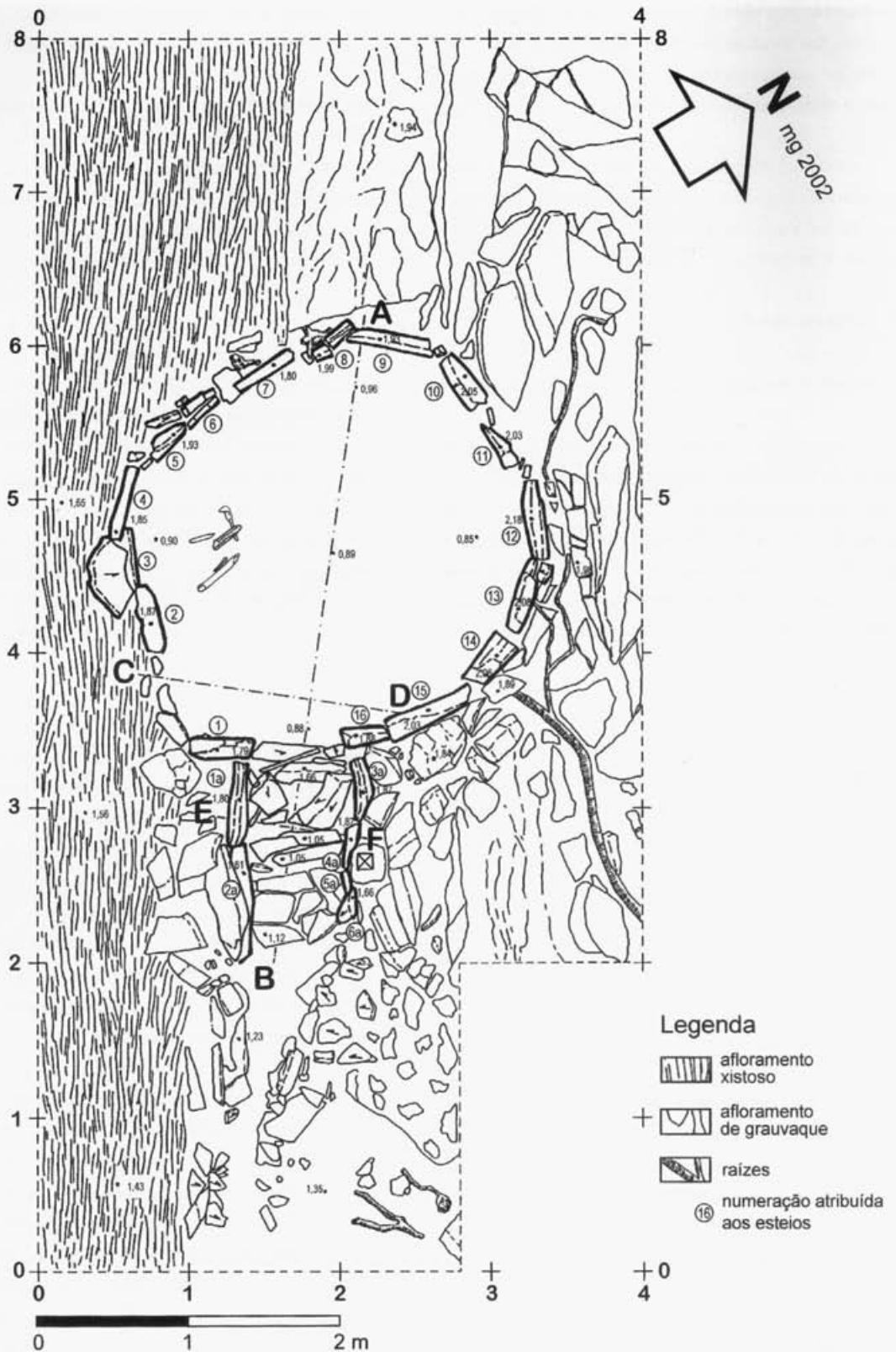
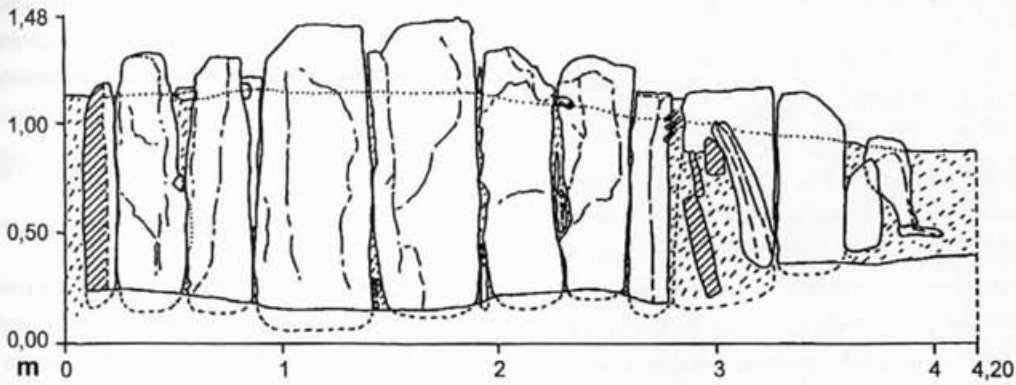
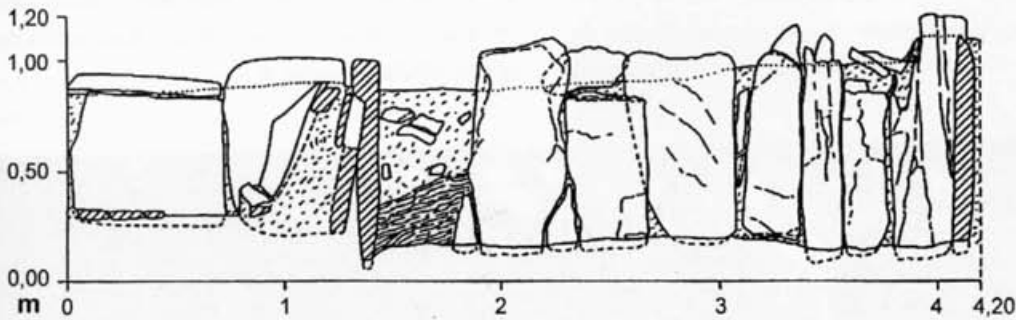


Fig. 6 – Tholos do Malhanito. Planta geral do monumento.

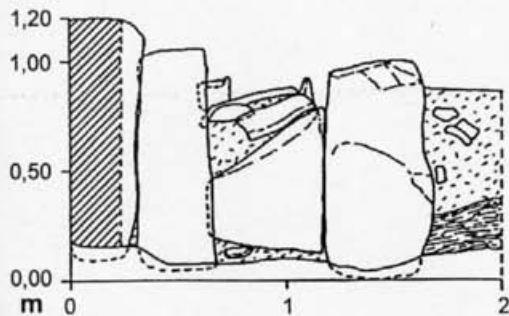
Alçado do corte A-B



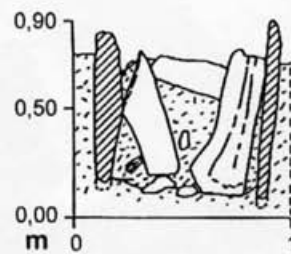
Alçado do corte B-A



Alçado do corte D-C



Alçado do corte E-F



Legenda

-  afloramento xistoso    
  terra

Fig. 7 - Tholos do Cerro do Malhanito. Alçados do interior do monumento (ver Fig. 6).

da câmara até ao chão primitivo do recinto, o qual atingia cerca de 1 metro de potência, apoiar-se-ia, sobretudo, no próprio substrato geológico, aflorante do lado externo dos ortóstatos.

### 3.2 – Espólio arqueológico

O espólio arqueológico é constituído por escasos elementos, embora de natureza e tipologia variadas, os quais serão objecto de trabalho ulterior, mais detalhado. A recolha da larga maioria dos materiais deu-se sobretudo no interior da câmara do monumento, ao longo de todo o seu enchimento; tal situação indica a existência de remeximentos antigos, condizentes com o elevado grau de fragmentação do espólio cerâmico; com efeito, para além de provável sepultura/violação de época medieval, que atingiu parte da periferia da câmara, encontraram-se materiais proto-históricos, que atestam ulterior aproveitamento como local de enterramento. Tais materiais, onde avulta o espólio cerâmico, distribuíam-se sobretudo nas camadas mais fundas do enchimento da câmara; conclui-se, deste modo, que terá

havido, em época tardia, a total evacuação do enchimento pré-histórico do interior da câmara do monumento, relacionado com a tumulação de um ou dois indivíduos, acompanhados pelos materiais proto-históricos – cerâmicas e objectos metálicos – a serem estudados oportunamente.

### 3.3 – Espólio antropológico, número de indivíduos e rituais funerários

O espólio antropológico, classificado pelo Prof. Doutor A. Santinho Cunha, inclui vários fragmentos de ossos longos, reduzidos às respectivas diáfises, em muito mau estado. Os fragmentos identificados pertencem a um mínimo de um indivíduo, depositado em decúbito sobre o chão da câmara do monumento; os ossos longos – os únicos susceptíveis de identificação – encontram-se assinalados na Fig. 6. Alguns deles ainda se encontravam em posição anatómica: é o caso das diáfises de um perónio e da respectiva tibia, bem como alguns fragmentos de diáfises de metatársicos (Fig. 8).



**Fig. 8** – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Conjunto de ossos longos humanos, alguns ainda em conexão anatómica, correspondentes pelo menos a uma inumação, do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro efectuada sobre o chão primitivo da câmara do monumento.

A tentativa para obter datação de radiocarbono de uma amostra de tais restos resultou infrutífera, dada a ausência de colagénio, conforme informação do Eng. A. M. Monge Soares, que se agradece. No entanto, não subsistem dúvidas quanto à cronologia do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro, visto se encontrarem associados a materiais dessa época.

#### 4 – Trabalhos de conservação realizados

Findas as escavações, o monumento, apesar do seu excelente estado de conservação, evidenciava fragilidades estruturais, que punham em risco a sua conservação; designadamente, os ortóstatos que constituem a câmara funerária, por pressão externa da água, depois períodos de grandes precipitações, poderiam tombar facilmente para o interior do monumento prejudicando deste modo as próprias acções de valorização e de aproveitamento para ele previstas. Deste modo, o interior da estrutura, incluindo câmara e corredor, foi revestido de geotêxtil, por sua vez coberto de uma camada de blocos de grauaque arrumados, de modo a conferir o indispensável suporte lateral ao embasamento dos ortóstatos, mais instáveis depois de escavado o interior do monumento (Fig. 9); esta camada pedregosa, que, pela sua alta permeabilidade, permitia a fácil drenagem das águas pluviais, foi, seguidamente, coberta de uma camada de gravilha miúda, embalada em matriz terrosa, utilizando-se para o efeito, os próprios materiais retirados do interior do monumento no decurso da escavação. Deste modo, assegurou-se a consolidação do monumento no seu todo e, em particular, dos seus elementos constitutivos mais frágeis, como a estrutura de selagem identificada no corredor, viabilizando o pretendido aproveitamento turístico-cultural, por parte da Câmara Municipal de Alcoutim.

#### 5 – Discussão e conclusões preliminares

A *tholos* do Cerro do Malhanito corresponde ao segundo monumento no seu género identificado na serra algarvia, depois de, nos finais da década de 1980, se ter publicado a *tholos* da Eira dos Palheiros, distanciada apenas 762 metros para ESE (GONÇALVES, 1989, Fig. 6.5). Tal como este monumento foi relacionado com o povoado forti-



Fig. 9 – *Tholos* do Cerro do Malhanito. Aspecto da consolidação do monumento, com o corredor em primeiro plano, após a finalização da escavação, com a colocação de blocos de grauaque, sobre o geotêxtil estendido em todo o seu interior.

ficado do Cerro do Castelo de Santa Justa (GONÇALVES, 1989, p. 346), também o presente sepulcro poderá contar-se com o povoado calcolítico do Cerro do Castelo das Mestras, dado a conhecer por V. S. Gonçalves na referida publicação, situado num cabeço cerca de ~~2,4~~ 4 13 km para ENE. As semelhanças com a *tholos* da Eira dos Palheiros estendem-se às características arquitectónicas e de implantação topográfica: também este sepulcro é constituído por grandes ortóstatos de grauaque, estreitos e regulares, que delimitam o recinto sepulcral, localizando-se, igualmente, "na extremidade de um cerro, dominando um meandro da ribeira da Foupana" (GONÇALVES, 1989, p. 342). Porém, ao contrário desta e da generalidade das *tholoi* do Baixo Alentejo, o corredor da *tholos* do Cerro do Malhanito é muito curto, terminando num possível átrio, mal conservado, e por isso mesmo apenas plausível.

O pequeno comprimento do corredor tem, porém, paralelo em sepulcros algarvios; o mais próximo corresponde ao monumento de Marcela, perto do litoral (freguesia de Cacela, concelho de Tavira). Com efeito, a planta que dele publicou o seu explorador (VEIGA, 1886, Est. XII, nº. 2), sugere um monumento complexo, constituído por uma *tholos* de corredor curto, idêntica à agora estudada, a cuja entrada se encostou a cabeceira de um monumento megalítico de planta subtrapezoidal, do tipo “galeria coberta”, que tem no megálito vizinho de Nora, o seu melhor paralelo. Esta hipótese, recentemente admitida (GONÇALVES, 2003), que faria com que a *tholos* fosse mais antiga que o megálito a ela geminado, carece de confirmação, dificultada pelo facto de ambos os monumentos terem, entretanto, desaparecido. Seja como for, trata-se de paralelo que, embora apenas hipotético, deverá ser registado. Outro paralelo, mais sugestivo, corresponde à *tholos* de Cerro do Gatão, Ourique (VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1961 a). Trata-se, também, de monumento com corredor curto, definido apenas por um ortóstato de cada lado, antecedido por um átrio exterior, ao ar livre, como deveria acontecer no presente sepulcro.

Outro monumento que importa referir é o de Castro Marim, do qual actualmente se desconhece a localização (certamente já destruído), de câmara circular, escavado no século XIX por António Mendes, colector da então Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Mas o pequeno corredor aposto ulteriormente ao desenho original, transformando o monumento numa *tholos* (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1967), como em estudo anteriormente publicado se teve oportunidade de referir, em presença do original de António Mendes (GOMES; CARDOSO & CUNHA, 1994), carece, em consequência, de credibilidade.

A estrutura de selagem identificada no corredor, próximo da passagem para a câmara, tem, igualmente, paralelo em algumas *tholoi* do sul de Portugal, como a do Monte das Pereiras (SERRALHEIRO & ANDRADE, 1961), que, a meio do corredor, e em estreita articulação com dois “batentes” laterais, possuía uma “porta” feita num ortóstato, que se encontrou tombado no interior daquele.

Ainda no concernente à arquitectura do monumento, assinala-se que esta corresponde à solução técnica construtiva mais comum entre os monumentos inventariados seus congéneres explorados tanto no Baixo Alentejo e no Algarve, como no Alto Alentejo (CARDOSO, 2002), com o uso sistemático de elementos ortostáticos, dispostos verticalmente, em particular a toda a volta da câmara; ao contrário, em alguns monumentos algarvios da necrópole de Alcalar, as estruturas foram definidas por elementos dispostos horizontalmente, técnica que é exclusiva nos escassos monumentos calcolíticos estreitos de falsa cúpula.

No respeitante ao espólio arqueológico, regista-se a sua exiguidade, aliás comum a outros monumentos do sul de Portugal, a começar pela vizinha *tholos* da Eira dos Palheiros, a menos de 800 metros de distância; monumentos há, que, apesar do seu excelente estado de conservação, como a já mencionada *tholos* do Cerro do Gatão, Ourique (VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1961 a), quase se encontravam desprovidas de espólio (apenas deu um fragmento cerâmico e uma pequena lâmina de sílex, muito fruste), contrastando nitidamente com a abundância de materiais arqueológicos recuperados noutros monumentos análogos da mesma região, como a *tholos* de Monte Velho, Ourique (VIANA, ANDRADE & FERREIRA, 1961); a razão de tal realidade prende-se, antes de mais, com a escassa utilização funerária dada à maioria das *tholoi* meridionais (com algumas excepções, particularmente evidentes em Alcalar): tal como no monumento em apreço, também na *tholos* da Eira dos Palheiros, apenas um máximo de duas deposições terão sido efectuadas (GONÇALVES, 1989, p. 346). Também, na *tholos* do Monte do Outeiro, Aljustrel (VIANA, FERREIRA & ANDRADE, 1961 b), apenas se identificou uma tumulação calcolítica. Esta *tholos* recebeu outras tumulações na Idade do Ferro (SHUBART, 1965), aliás à semelhança do verificado em outros monumentos congéneres baixo-alentejanos, como o do Cerro do Gatão, Ourique, onde foi recolhido um fecho de cinturão daquela época (ALMEIDA & FERREIRA, 1967). Também na *tholos* do Barranco da Nora Velha, Ourique (VIANA, 1960), se reconheceram recipientes, do Bronze Final, associados a funerárias.

Não deixa de ser singular, no entanto, a falta absoluta, no Cerro do Malhanito, de artefactos de pedra lascada (lâminas e, sobretudo, pontas de seta), que constituem geralmente parte significativa dos espólios funerários destes monumentos, embora alguns possuam reportório cerâmico significativo, sem que este seja acompanhado da correspondente indústria lítica; é o caso da *tholos* do Monte das Pereiras (SERRALHEIRO & ANDRADE, 1961). No caso em apreço, o esvaziamento quase total da câmara do monumento no Bronze Final / inícios da Idade do Ferro pode, em parte, explicar a falta de peças calcolíticas, as quais, porém, ocorrem, tanto em posição derivada, misturadas com os materiais que, de novo, foram preencher a câmara, como ainda na sua posição original; neste último grupo se inscreve um notável ídolo antropomórfico, colocado ritualmente do lado direito da entrada do corredor, cuja ocorrência será devidamente valorizada em trabalho mais desenvolvido, actualmente em preparação.

É provável que os remeximentos no interior da câmara tenham continuado em épocas ulteriores, como se verificou noutros sepulcros megalíticos da região. Com efeito, na vizinha povoação do Monte da Estrada, os escassos habitantes que ali ainda permanecem associavam a existência da *tholos* a uma antiga sepultura, sendo plausível que tal ideia tenha motivado alguma "exploração" em tempos pouco distantes, antecedendo os danos verificados na parte superior de alguns dos ortóstatos da câmara do monumento, que estiveram, aliás, na origem da presente intervenção.

No Bronze Final / inícios da Idade do Ferro terá sido apenas tumulado um indivíduo no monumento, cujo corpo foi depositado directamente sobre o chão da câmara; como atrás se registou, os restos recolhidos, conquanto em muito mau estado de conservação, circunscrevem-se a algumas diáfises de ossos longos, mais resistentes, alguns ainda em conexão anatómica; apesar do seu mau estado, constituem, até ao presente, o único conjunto antropológico recolhido em sepulturas pré- ou proto-históricas, tanto na serra algarvia, como em toda a vasta região confinante baixo-alentejana.

A terminar, crê-se que o cuidado dispensado à conservação da estrutura posta a descoberto, através das acções efectuadas, deve ser salientado, por constituir não apenas condição indispensável à manutenção da sua integridade, como ainda por constituir etapa obrigatória para o seu aproveitamento turístico-cultural, como é propósito da Câmara Municipal de Alcoutim.

## Bibliografia

- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga** (1967) – Fechos e placas de cinturão, hallstáticos, encontrados em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1, p. 81-95.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & CUNHA, A. Santinho** (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, V. S.**(1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC, Centro de Arqueologia e História (Estudos e Memórias, 2 / 1).
- GONÇALVES, V. S.** (2003) – O Algarve Oriental no 4º e 3º milénios. *Tavira Território e Poder*. Catálogo da exposição. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 23-35.
- GRADIM, A.** (1999) – *Relatório das prospecções arqueológicas no âmbito dos projectos florestais* (inventário arqueológico, A-225). Alcoutim: Câmara Municipal de Alcoutim.
- SCHUBART, H.** (1965) – As duas fases de ocupação do túmulo de cúpula do Monte do Outeiro, nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 75 (1/4), p. 195-204.
- SERRALHEIRO, A. S. C. & ANDRADE, R. Freire de** (1961) – O monumento megalítico do Monte das Pereiras. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 503-511.
- VEIGA, S. P. M.** Estácio da (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos pré-históricos*. 1. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VIANA, A.** (1960) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja*. Beja. 17, p. 138-231.
- VIANA, A.; ANDRADE, R. Freire de & FERREIRA, O. da Veiga** (1961) – O monumento pré-histórico do Monte

Velho (Ourique). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 45, p. 483-492.

**VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de** (1961 a) – Descoberta de dois monumentos de falsa cúpula na região de Ourique. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (1/2), p. 5-12.

**VIANA, A.; FERREIRA, O. da Veiga & ANDRADE, R. Freire de** (1961 b) – Um túmulo de “tipo alcalarense” nos arredores de Aljustrel. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 71 (3/4), p. 247-254.

**ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga** (1967) – Acerca duma “tholos” encontrada em Castro Marim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1, p. 11-17.